

FICHA TÉCNICA

Título original: *Enlightenment Now*

Autor: *Steven Pinker*

Copyright © 2018 by Steven Pinker

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Sara P. Totta*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2018

Depósito legal n.º 447 613/18

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

Lista de figuras	13
Prefácio	17
PARTE I: ILUMINISMO	21
Capítulo 1. Atreve-te a compreender!	27
Capítulo 2. Entro, evo, info	35
Capítulo 3. Contrailuminismos	49
PARTE II: PROGRESSO	57
Capítulo 4. Progressofobia	59
Capítulo 5. Vida	74
Capítulo 6. Saúde	83
Capítulo 7. Subsistência	90
Capítulo 8. Riqueza	102
Capítulo 9. Desigualdade	120
Capítulo 10. Meio ambiente	146
Capítulo 11. Paz	184
Capítulo 12. Segurança	196
Capítulo 13. Terrorismo	221
Capítulo 14. Democracia	229
Capítulo 15. Igualdade de direitos	244
Capítulo 16. Conhecimento	264

Capítulo 17. Qualidade de vida	279
Capítulo 18. Felicidade	295
Capítulo 19. Ameaças existenciais	324
Capítulo 20. O futuro do progresso	357
PARTE III: RAZÃO, CIÊNCIA E HUMANISMO	383
Capítulo 21. Razão	387
Capítulo 22. Ciência	421
Capítulo 23. Humanismo	447
Notas	492
Bibliografia	560

LISTA DE FIGURAS

4-1: O tom das notícias, 1945-2010	72
5-1: Esperança de vida, 1771-2015	75
5-2: Mortalidade infantil, 1751-2013	77
5-3: Mortalidade materna, 1751-2013	78
5-4: Esperança de vida, Reino Unido, 1701-2013	80
6-1: Mortes na infância causadas por doenças infecciosas, 2000-2013	88
7-1: Calorias, 1700-2013	92
7-2: Atraso no crescimento infantil, 1966-2014	93
7-3: Desnutrição, 1970-2015	94
7-4: Mortes por inanição, 1860-2016	95
8-1: Produto mundial bruto, 1-2015	104
8-2: PIB <i>per capita</i> , 1600-2015	108
8-3: Distribuição mundial de rendimento, 1800, 1975 e 2015	109
8-4: Pobreza extrema (proporção), 1820-2015	110
8-5: Pobreza extrema (número), 1820-2015	111
9-1: Desigualdade internacional, 1820-2013	128
9-2: Desigualdade mundial, 1820-2011	129
9-3: Desigualdade, RU e EUA, 1688-2013	130
9-4: Despesa social, países da OCDE, 1880-2016	132
9-5: Aumentos de rendimento, 1988-2008	135
9-6: Pobreza, EUA, 1960-2016	141
10-1: População e crescimento populacional, 1750-2015 e projetada até 2100	151
10-2: Sustentabilidade, 1955-2109	154
10-3: Poluição, energia e crescimento, EUA, 1970-2015	155
10-4: Desflorestação, 1700-2010	157

10-5: Derrames de petróleo, 1970-2016	158
10-6: Áreas protegidas, 1990-2014	159
10-7: Intensidade de carbono (emissões de CO ₂ por dólar do PIB), 1820-2014	170
10-8: Emissões de CO ₂ , 1960-2015	171
11-1: Guerra entre as grandes potências, 1500-2015	185
11-2: Mortes em combate, 1946-2016	188
11-3: Mortes por genocídio, 1956-2016	189
12-1: Mortes por homicídio, Europa Ocidental, EUA e México, 1300-2015	199
12-2: Mortes por homicídio, 1967-2015	200
12-3: Mortes em acidentes de viação, EUA, 1921-2015	206
12-4: Mortalidade por atropelamento, EUA, 1927-2015	209
12-5: Mortes em acidentes aéreos, 1970-2015	210
12-6: Mortes por quedas, incêndios, afogamento e envenenamento, EUA, 1903-2014	212
12-7: Mortes em acidentes de trabalho, EUA, 1913-2015	217
12-8: Mortes em desastres naturais, 1900-2015	218
12-9: Mortes por queda de raios, EUA, 1900-2015	219
13-1: Mortes por terrorismo, 1970-2015	225
14-1: Democracia <i>versus</i> autocracia, 1800-2015	232
14-2: Direitos humanos, 1949-2014	238
14-3: Abolição da pena de morte, 1863-2016	239
14-4: Execuções, EUA, 1780-2016	242
15-1: Opiniões racistas, sexistas e homofóbicas, EUA, 1987-2012	246
15-2: Pesquisas de índole racista, sexista e homofóbica na Internet, EUA, 2004-2017	248
15-3: Crimes de ódio, EUA, 1996-2015	250
15-4: Violação e violência doméstica, EUA, 1993-2014	251
15-5: Descriminalização da homossexualidade, 1791-2016	254
15-6: Valores liberais ao longo do tempo e de gerações, países desenvolvidos, 1980-2005	257
15-7: Valores liberais ao longo do tempo (extrapolados), zonas culturais do mundo, 1960-2006	258
15-8: Vitimização de crianças, EUA, 1993-2012	260

15-9: Trabalho infantil, 1850-2012	262
16-1: Alfabetização, 1475-2010	267
16-2: Educação básica, 1820-2010	268
16-3: Anos de escolaridade, 1870-2010	269
16-4: Literacia feminina, 1750-2014	271
16-5: Aumentos de QI, 1909-2013	272
16-6: Bem-estar mundial, 1820-2015	277
17-1: Horas de trabalho, Europa Ocidental e EUA, 1870-2000	281
17-2: Aposentação, EUA, 1880-2010	283
17-3: Serviços, eletrodomésticos e trabalho doméstico, EUA, 1900-2015 ...	284
17-4: Custo da luz, Inglaterra, 1300-2006	286
17-5: Despesa com necessidades, EUA, 1929-2016	287
17-6: Tempo de lazer, EUA, 1965-2015	289
17-7: Custo de viagens aéreas, EUA, 1979-2015	291
17-8: Turismo internacional, 1995-2015	292
18-1: Satisfação com a vida e o rendimento, 2006	302
18-2: Solidão, estudantes dos EUA, 1978-2011	310
18-3: Suicídio, Inglaterra, Suíça e EUA, 1860-2014	313
18-4: Felicidade e entusiasmo, EUA, 1972-2016	323
19-1: Armas nucleares, 1945-2015	353
20-1: Apoio populista ao longo de gerações, 2016	378

No decurso de várias décadas a dar palestras públicas sobre a linguagem, a mente e a natureza humana, já me foram colocadas questões incrivelmente estranhas. Qual é a melhor língua? As amêijoas e as ostras têm consciência? Quando poderei fazer um *upload* da minha mente na Internet? É a obesidade uma forma de violência?

Mas a pergunta mais perturbadora que alguma vez enfrentei foi feita a seguir a uma conferência na qual eu expliquei o que é largamente aceite pelos cientistas de que a vida mental assenta em padrões de atividade nos tecidos do cérebro. Uma estudante na audiência levantou a mão e perguntou-me:

«Porque devo eu viver?»

O tom ingénuo da estudante tornou claro que ela não estava a ser sarcástica nem tinha tendências suicidas, mas sentia uma curiosidade genuína sobre como encontrar um sentido e uma finalidade para a vida, uma vez que as tradicionais crenças religiosas sobre uma alma imortal são subvalorizadas pela nossa melhor ciência. A minha política é que não existem perguntas estúpidas e, para surpresa da estudante, da audiência e, acima de tudo, de mim próprio, eu apresentei uma resposta relativamente credível. O que me recorde de ter respondido — naturalmente embelezado pelas distorções da memória e *l'esprit de l'escalier*, o espírito da escada* — foi qualquer coisa do género:

No próprio ato de fazer essa pergunta, está a procurar *razões* para as suas convicções e, por isso, deposita na razão o meio de descobrir e justificar o que é importante para si. E há tantas razões para viver!

* Expressão usada por Denis Diderot na obra *O Paradoxo sobre o Comediante*, que designa uma situação em que nos lembramos de um comentário ou resposta inteligente, mas já depois do momento em que teria sido pertinente. A expressão foi empregue por Diderot durante um jantar onde, no meio de uma conversa, foi deixado sem palavras por uma afirmação do seu interlocutor: «Essa apóstrofe desconcertou-me e reduziu-me ao silêncio, pois um homem sensível como eu, em face do que se rejeita completamente, perde a cabeça e não se volta a encontrar senão já no fundo das escadas», isto é, tarde de mais, já depois de ter abandonado a conversa e a presença dos seus interlocutores. (NT)

Enquanto ser senciente, tem o potencial para *florescer*. Pode refinar a sua própria faculdade da razão através do estudo e do debate. Pode procurar explicações para o mundo natural através da ciência, e esclarecimentos sobre a condição humana através das artes e das humanidades. Pode retirar o máximo da sua capacidade para o prazer e a satisfação, que permitiu aos seus antepassados prosperar e, por conseguinte, tornaram possível a sua existência. Pode apreciar a beleza e a riqueza do mundo natural e cultural. Enquanto herdeira de bilhões de anos de vida que se perpetua, pode igualmente perpetuá-la. Você foi dotada do sentido de *compaixão* — a capacidade de gostar, amar, respeitar, ajudar e mostrar generosidade — e pode desfrutar do dom da benevolência mútua com amigos, familiares e colegas.

E uma vez que a razão lhe diz a si que nada disto é exclusivamente *seu*, você tem a responsabilidade de dar aos outros o que espera que lhe deem a si. Pode contribuir para o bem-estar de outros seres sencientes ao potenciar a vida, a saúde, o conhecimento, a liberdade, a abundância, a segurança, a beleza e a paz. A História mostra que, quando simpatizamos com os outros e aplicamos a nossa criatividade na melhoria da condição humana, podemos fazer mais para promover a continuidade desta melhoria.

Explicar o sentido da vida não é a habitual função atribuída a um professor de ciência cognitiva, e eu não teria tido a veleidade de aceitar a pergunta da estudante se a resposta dependesse do meu conhecimento técnico arcano ou da minha dúvida sabedoria pessoal. Porém, eu sabia que estava a canalizar um conjunto de crenças e valores que tinham sido gerados mais de dois séculos antes de mim e que agora são mais relevantes que nunca: os ideais do Iluminismo.

O princípio do Iluminismo segundo o qual podemos aplicar a razão e a compaixão para potenciar o aperfeiçoamento humano pode parecer óbvio, banal e antiquado. Eu escrevi este livro porque percebi que não o é. Mais do que nunca, os ideais da razão, da ciência, do humanismo e do progresso precisam de uma defesa incondicional. Nós tomamos os seus dons como garantidos: recém-nascidos que viverão mais de oito décadas, mercados a abarrotar com comida, água potável que surge com o estalar de um dedo e o desperdício que desaparece com o estalar de outro, comprimidos que curam doenças dolorosas, filhos que não são enviados para a guerra, filhas que podem andar nas ruas em segurança, críticos dos poderosos que não são presos ou assassinados, o conhecimento do mundo e da cultura que cabe no bolso de um casaco. Mas isto são feitos humanos, não são direitos de nascença cósmicos. Na memória de muitos leitores deste livro — e na experiência daqueles que vivem em regiões do mundo menos afortunadas —, a guerra, a escassez, a doença, a ignorância e a ameaça letal são partes naturais da existência. Nós sabemos que os países podem regressar de novo a estas condições primitivas e, por isso, ignorar os feitos do Iluminismo representa sérios riscos.

Nos anos que se seguiram à pergunta da jovem estudante, recordaram-me muitas vezes a necessidade de reafirmar os ideais do Iluminismo (também chamados de humanismo, sociedade aberta e liberalismo cosmopolita ou clássico). Não se trata apenas da frequência com que aparecem perguntas, como a daquela estudante, na minha caixa de correio. («Caro professor Pinker: Que conselhos tem para alguém que levou a sério as ideias dos seus livros e a ciência, e se vê a si mesmo como um conjunto de átomos? Uma máquina com uma inteligência limitada, nascida de genes egoístas, que habita no espaço-tempo?») É também o facto de que esquecer o alcance do progresso humano pode conduzir a sintomas piores que a angústia existencial. Pode tornar as pessoas céticas em relação às instituições de inspiração iluminista que garantem o progresso, tais como a democracia e as organizações de cooperação internacional, direcionando-as para alternativas atávicas.

Os ideais do Iluminismo são produtos da razão humana, mas estão sempre em conflito com outras facetas da natureza humana: a lealdade com a tribo, a deferência à autoridade, o pensamento mágico, a culpabilização de malfeitores pelo infortúnio. A segunda década do século XXI assistiu ao surgimento de movimentos políticos que descrevem os seus países como se estivessem a ser arrastados para um inferno distópico por fações malignas, que apenas podem encontrar resistência num líder forte que impulsione o país para trás para o tornar «grande de novo» (*great again*). Estes movimentos têm sido instigados por uma narrativa partilhada por muitos dos seus mais implacáveis oponentes, segundo a qual as instituições da modernidade falharam e a vida encontra-se numa crise profunda em todos os seus aspetos; os dois lados parecem estar macabramente de acordo em que a destruição dessas instituições fará do mundo um lugar melhor. É mais difícil encontrarmos uma visão positiva que veja os problemas do mundo num contexto de progresso que deseje continuar resolvendo, por sua vez, esses problemas.

Se ainda não estão convencidos da necessidade de uma defesa vigorosa dos ideais do Iluminismo, tenham em consideração o diagnóstico de Shiraz Maher, um especialista em movimentos radicais islâmicos. «O Ocidente está tímido em relação aos seus valores — não tem confiança no liberalismo clássico», afirma Maher. «Estamos inseguros em relação a estes valores. Fazem-nos sentir pouco à vontade.» Comparemos isto com o Daesh, que «sabe exatamente o que representa», tem uma certeza que é «incrivelmente sedutora» — e Maher deve saber do que fala, pois já foi o diretor regional do grupo jihadista Hizb ut-Tahrir.¹

Ao refletir sobre os ideais liberais em 1960, pouco tempo depois de estes ideais terem enfrentado o seu maior desafio, o economista Friedrich Hayek observou: «Se as verdades antigas devem ser mantidas na mente dos homens, elas têm de ser reafirmadas na linguagem e conceitos de sucessivas gerações» (comprovando inadvertidamente a sua tese com a expressão *mentes dos homens*).

«O que num certo momento são as suas expressões mais eficazes poderão, gradualmente, ficar tão gastas com o uso que perdem um significado definido. As ideias subjacentes podem ser tão válidas como nunca; porém, as palavras já não exprimem a mesma convicção, mesmo quando se referem a problemas que ainda subsistem entre nós.»²

Este livro é a minha tentativa de reafirmar os ideais do Iluminismo na linguagem e conceitos do século XXI. Em primeiro lugar, irei delinear um enquadramento, informado pela ciência moderna, para a compreensão da condição humana — quem somos, de onde viemos, quais são os nossos desafios e como podemos superá-los. Grande parte do livro é dedicado à defesa destes ideais na forma mais típica do século XXI: quer dizer, com dados. Esta interpretação fundamentada do projeto do Iluminismo revela que este não era uma esperança ingénuo. O Iluminismo tem *funcionado* — talvez seja a maior história e a mais raramente contada. E porque este triunfo foi tão pouco enaltecido, os ideais subjacentes da razão, da ciência e do humanismo são igualmente pouco reconhecidos. Longe de reunirem consenso, estes ideais são tratados pelos intelectuais de hoje com indiferença, ceticismo e, por vezes, desprezo. Se forem devidamente considerados, como sugiro, os ideais do Iluminismo são na realidade estimulantes, inspiradores, nobres — são uma razão para viver.

Capítulo 1

ATREVE-TE A COMPREENDER!

O que é o Iluminismo? Num ensaio de 1784, com esta exata pergunta como título, Immanuel Kant respondeu que o Iluminismo consiste na «libertação da humanidade da sua autoinfligida imaturidade», da sua submissão «preguiçosa e covarde» aos «dogmas e fórmulas» da autoridade religiosa ou política.¹ Kant proclamou como mote do Iluminismo o lema «Atreve-te a compreender!» e a sua exigência fundamental era a liberdade de expressão e de pensamento. «Uma época não pode fazer um pacto que impeça as épocas seguintes de alargarem os seus conhecimentos, aumentarem a sua sabedoria e purgarem os seus erros. Isso seria um crime contra a natureza humana, cujo próprio destino consiste precisamente num tal progresso.»²

Uma formulação da mesma ideia, no século XXI, pode ser encontrada na apologia ao Iluminismo feita pelo físico israelita David Deutsch, autor do livro *O Início do Infinito*. De acordo com Deutsch, se nós nos atrevermos a compreender, o progresso é possível em todas as áreas, tais como a ciência, a política e a moral:

O otimismo (no sentido que tenho defendido) é a teoria segundo a qual todas as falhas — todos os males — se devem à falta de conhecimento... Os problemas são inevitáveis, porque o nosso conhecimento estará sempre infinitamente longe de ser completo. Alguns problemas são difíceis, porém é um erro confundirem-se problemas difíceis com problemas de resolução improvável. Uma civilização otimista é tolerante e não tem receio de inovar, baseando-se nas tradições da crítica. As suas instituições vão melhorando e o tipo de conhecimento que mais apreciam é o conhecimento de como detetar e eliminar os erros.³

O que é o Iluminismo?⁴ Não há uma resposta oficial, já que a época nomeada pelo ensaio de Kant nunca foi demarcada por cerimónias de abertura e de encerramento, como os Jogos Olímpicos, nem os seus princípios são estipulados num juramento ou credo. Convencionou-se situar o Iluminismo nos últimos dois terços do século XVIII, ainda que tenha emanado a partir da

Revolução Científica e da Idade da Razão, no século XVII, e se desenvolveu até chegar ao apogeu do liberalismo clássico da primeira metade do século XIX. Incitados por desafios à sabedoria convencional da ciência e da exploração, conscientes dos sangrentos massacres de recentes guerras religiosas e motivados pela fácil circulação de ideias e pessoas, os pensadores do Iluminismo procuraram uma nova compreensão da condição humana. Esta época foi uma cornucópia de ideias, algumas contraditórias, mas todas elas interligadas por quatro temas: a razão, a ciência, o humanismo e o progresso.

Acima de todos está a razão. A razão é inegociável. Assim que nos dispomos a debater a questão pela qual devemos viver (ou qualquer outra questão), logo que insistirmos que as nossas respostas, sejam elas quais forem, são razoáveis, justificadas ou verdadeiras e, por conseguinte, outras pessoas também acreditam nelas, estamos a comprometer-nos com a razão e com a submissão das nossas crenças a critérios de objetividade.⁵ Se havia algo em comum nos pensadores do Iluminismo era a sua insistência para que aplicássemos energicamente o critério da razão para compreendermos o nosso mundo e que não regressássemos a geradores de ilusões como a fé, o dogma, a revelação, a autoridade, o carisma, o misticismo, a adivinhação, as visões, as sensações gástricas ou a hermenêutica dos textos sagrados.

Foi a razão que levou a maioria dos filósofos do Iluminismo a recusar a crença num Deus antropomórfico, que se interessava pelos assuntos humanos.⁶ A aplicação da razão revelava que os relatos sobre milagres eram duvidosos, que os autores de livros sagrados eram demasiado humanos, que os acontecimentos naturais ocorriam sem nenhuma relação com o bem-estar humano e que diferentes culturas acreditavam em divindades mutuamente incompatíveis, nenhuma delas menos provável que todas as outras, de ser um produto da imaginação. (Como escreveu Montesquieu, «se os triângulos tivessem um deus, dar-lhe-iam três lados».) Ainda assim, nem todos os filósofos do Iluminismo eram ateus. Alguns destes pensadores eram deístas (em oposição aos teístas): eles acreditavam que Deus tinha criado o universo e depois retirara-se, permitindo-lhe desenvolver-se de acordo com as leis da natureza. Outros filósofos eram panteístas que utilizavam a palavra «Deus» como *sinónimo* das leis da natureza. Porém, poucos apelavam ao Deus da Sagrada Escritura, o Deus legislador que fazia milagres e que gerou um filho.

Muitos escritores de hoje confundem a apologia da razão pelo Iluminismo com a tese inverosímil de que os humanos são agentes perfeitamente racionais. Nada poderia estar mais longe da realidade histórica. Filósofos como Kant, Bento Espinosa, Thomas Hobbes, David Hume e Adam Smith eram psicólogos, incansavelmente obstinados, e estavam bem cientes das nossas paixões e debilidades irracionais. Eles insistiam que somente identificando as fontes comuns da nossa insensatez poderíamos derrotá-la.

A aplicação deliberada da razão era necessária justamente porque os nossos hábitos de pensamento não são particularmente racionais.

Isto conduz-nos ao segundo ideal, a ciência, o refinamento da razão para compreender o mundo. A Revolução Científica foi revolucionária de um modo que, hoje em dia, é difícil apreciarmos, pois as suas descobertas são já dados adquiridos para nós. O historiador David Wootton recorda-nos como eram os conhecimentos de um inglês culto no dealbar da revolução em 1600:

Ele acredita que bruxas podem convocar tempestades que afundam navios no mar... Ele acredita em lobisomens, ainda que não exista um único exemplar em Inglaterra; sabe que podem ser encontrados na Bélgica... Ele acredita que Circe realmente transformou em porcos a tripulação de Ulisses. Acredita que os ratos são gerados espontaneamente em montes de palha. Acredita em mágicos contemporâneos... Ele já viu o corno do unicórnio, mas nunca viu um unicórnio.

Ele acredita que o corpo de uma vítima de homicídio sangrará na presença do homicida. Acredita que existe um unguento que, se for esfregado na adaga que provocou um ferimento, irá curar esse ferimento. Acredita que a forma, a cor e a textura de uma planta podem ser indícios das suas aplicações medicinais, porque Deus criou a natureza para ser interpretada pelos humanos. Ele acredita que é possível transformar um metal comum em ouro, ainda que duvide que alguém o saiba fazer. Acredita que a natureza abomina o vazio. Ele acredita que o arco-íris é um sinal de Deus e os cometas são presságios do mal. Acredita que os sonhos preveem o futuro, se soubermos interpretá-los. Ele acredita, obviamente, que a Terra permanece imóvel e o Sol e as estrelas giram em seu redor a cada 24 horas.⁷

Mais de um século depois desta descrição, um descendente deste inglês culto não acreditaria em nenhuma destas coisas. A Revolução Científica não foi só uma fuga à ignorância, mas também ao terror. O sociólogo Robert Scott sublinha que, na Idade Média, «a crença de que uma força exterior controlava a vida quotidiana contribuiu para uma espécie de paranoia coletiva»:

Tempestades, trovões, relâmpagos, ventanias, eclipses solares e lunares, vagas de frio e de calor, períodos de seca e tremores de terra, todos eram considerados sinais da insatisfação de Deus. Como resultado, o medo «do papão» estava presente em todos os domínios da vida. O mar converteu-se num domínio satânico, e as florestas eram habitadas por bestas predadoras, ogres, bruxas, demónios, bem como ladrões e assassinos muito reais... À noite, o mundo estava igualmente repleto de indícios de todo o tipo de perigos: cometas, meteoritos, estrelas-cadentes, eclipses lunares e uivos de animais selvagens.⁸

Para os filósofos do Iluminismo, a fuga à ignorância e à superstição mostrou como a sabedoria convencional estava errada e como os métodos da ciência — ceticismo, falibilismo, debate aberto e verificação empírica — são o paradigma para atingir um conhecimento fiável.

Esse conhecimento inclui a compreensão de nós mesmos. A necessidade de uma «ciência do homem» foi uma temática que uniu muitos pensadores iluministas, mesmo que discordassem em tudo o resto, como Montesquieu, Hume, Smith, Kant, Nicolas de Condorcet, Denis Diderot, Jean-Baptiste d'Alembert, Jean-Jacques Rousseau e Giambattista Vico. A sua crença na existência de uma natureza humana universal, que poderia ser estudada cientificamente, fez deles precursores das ciências, que só haveriam de ter um nome séculos depois.⁹ Foram neurocientistas cognitivos, que tentaram explicar o pensamento, a emoção e a psicopatologia através de mecanismos físicos do cérebro. Foram psicólogos evolucionistas, que procuraram caracterizar a vida num estado de natureza e identificar os instintos animais que existem em nós. Foram psicólogos sociais, que escreveram sobre os sentimentos morais que nos aproximam, as paixões egoístas que nos separam e as fraquezas da falta de perspicácia que confundem os nossos melhores planos. E foram também antropólogos culturais, que perscrutaram os testemunhos de viajantes e exploradores à procura de dados sobre os universais humanos e a diversidade de hábitos e costumes nas várias culturas do mundo.

A ideia de uma natureza humana universal leva-nos a um terceiro tema: o humanismo. Os filósofos da Idade da Razão e do Iluminismo viram a necessidade urgente de dotar a moral de uma fundamentação secular, pois assombrava-os a memória histórica de séculos de carnificinas motivadas pela religião: as Cruzadas, a Inquisição, a caça às bruxas, as guerras religiosas na Europa. Eles basearam essa fundamentação naquilo que hoje chamamos de humanismo, que privilegia o bem-estar individual de homens, mulheres e crianças em detrimento da glória da tribo, da raça, da nação ou da religião. São os indivíduos, e não os grupos, que são *sencientes* — que sentem prazer e dor, satisfação e angústia. Quer tendo como objetivo a finalidade de providenciar felicidade ao maior número de pessoas possível, quer como imperativo categórico de tratar as pessoas como fins e não como meios, era a capacidade universal de uma pessoa sofrer ou de se aperfeiçoar que, consideravam eles, apelava à nossa preocupação moral.

Felizmente, a natureza humana prepara-nos para responder a esse apelo. Isso deve-se ao facto de sermos dotados do sentimento de compaixão, que os pensadores iluministas também designavam por *benevolência*, *piedade* e *comiseração*. Uma vez que estamos equipados com a capacidade de nos solidarizarmos com os outros, nada impede que o círculo da compaixão se estenda da nossa família e da tribo para abraçar toda a humanidade, principalmente quando a razão nos leva a perceber que não existe nada de único que seja

merecido exclusivamente por nós ou por qualquer dos grupos aos quais pertencemos.¹⁰ Nós somos, assim, forçados ao cosmopolitismo, ou seja, à aceitação da nossa cidadania no mundo.¹¹

A sensibilidade humanista impeliu os filósofos do Iluminismo a condenar não somente a violência religiosa como também as crueldades seculares da sua época, incluindo a escravatura, o despotismo, as execuções por pequenos delitos, como o roubo em pequenos mercados e a caça ilegal, e punições sádicas como as chibatadas, a amputação, a empalação, a evisceração, o desmembramento e a morte na fogueira. O Iluminismo é, por vezes, referido como a Revolução Humanitária, pois conduziu à abolição de práticas desumanas, que foram comuns a várias civilizações durante milénios.¹²

Se a abolição da escravatura e das penas cruéis não é progresso, então nada o é, o que nos remete para o quarto ideal do Iluminismo. Com a nossa compreensão do mundo desenvolvida pela ciência e o nosso círculo de compaixão expandido através da razão e do cosmopolitismo, a humanidade pode progredir em termos intelectuais e morais. O género humano não precisa de se resignar com as misérias nem com as irracionalidades do presente, ou mesmo tentar fazer voltar o tempo para trás até uma idade de ouro perdida.

A crença iluminista no progresso não deve ser confundida com a crença romântica, típica do século XIX, nas forças místicas, leis, dialéticas, lutas, revelações, destinos, eras humanas e leis evolucionistas, que impulsionam a humanidade em direção à utopia.¹³ Tal como indica o comentário de Kant sobre «o aumento do conhecimento e a correção de erros», a perspectiva iluminista era mais prosaica, uma combinação de razão e humanismo. Se nós formos acompanhando o funcionamento das nossas leis e costumes, pensarmos em formas de as melhorar, experimentá-las, e mantivermos aquelas que beneficiam as condições de vida das pessoas, podemos tornar o mundo progressivamente num lugar melhor. A própria ciência vai avançando através deste ciclo de teoria e experimentalismo, e o seu progresso incessante, que se vai impondo sobre eventuais reveses e contratempos, demonstra como o progresso é possível.

O ideal de progresso também não deve ser confundido com o movimento do século XX para reorganizar a sociedade de acordo com os interesses de tecnocratas e responsáveis pelo planeamento, que o politólogo James Scott denominou de alto modernismo autoritário.¹⁴ Este movimento negava a existência de uma natureza humana, com as suas desordenadas necessidades de beleza, natureza, tradição e intimidade social.¹⁵ Tomando como ponto de partida uma «tábua rasa», os modernistas conceberam projetos de renovação urbana que substituíram bairros dinâmicos por autoestradas, arranha-céus, praças cheias de vento e arquitetura brutalista. «A humanidade irá renascer», teorizavam os modernistas, e «viverá numa relação ordenada com o todo».¹⁶

Ainda que estes acontecimentos estivessem por vezes relacionados com o termo *progresso*, a sua utilização era irónica: «progresso» sem a orientação do humanismo não é verdadeiro progresso.

Em vez de tentar moldar a natureza humana, a esperança iluminista no progresso estava concentrada nas instituições humanas. Sistemas criados pelo homem como os governos, as leis, as escolas, os mercados e os organismos internacionais são um alvo natural para a aplicação da razão em prol do melhoramento das condições de vida.

Nesta forma de pensamento, o governo não é um *fiat* divino para reinar, nem um sinónimo de «sociedade», ou uma materialização da alma nacional, religiosa ou racial. É uma invenção humana, corroborada tacitamente por um acordo social, concebida para melhorar o bem-estar dos cidadãos através da coordenação do seu comportamento e desencorajando atitudes egoístas, que podem ser tentadoras para alguns indivíduos, mas têm consequências negativas para todos os outros. Assim como declara o mais famoso documento do Iluminismo, a Declaração de Independência, os governos foram instituídos entre as populações, emanando os seus justos poderes do consentimento dos governados, de modo a assegurar o direito à vida, à liberdade e à procura da felicidade.

Entre os poderes do governo está o de punir, e escritores como Montesquieu, Cesare Beccaria e os pais fundadores dos EUA reanalisaram de novo a autoridade do governo que lhe legitima os danos causados aos seus cidadãos.¹⁷ De acordo com estes pensadores iluministas, a punição criminal não é um mandato para implementar uma justiça cósmica, mas parte de uma estrutura que desincentiva comportamentos antissociais e que não causa mais sofrimento do que aquele que impede. A razão pela qual a punição deve ser adequada ao crime, por exemplo, não visa equilibrar nenhuma balança mística da justiça, mas sim garantir que o criminoso se retrata numa ofensa menor antes de chegar a cometer uma ofensa mais danosa. As punições cruéis, independentemente de serem de algum modo «merecidas», não são mais eficientes a deter o crime do que as punições moderadas e firmes e ainda promovem a brutalidade e a insensibilidade nas sociedades que as implementam.

No Iluminismo também encontramos a primeira análise racional da prosperidade. O seu ponto de partida não era como é distribuída a riqueza, mas sim a questão prévia de saber como é que a riqueza existe.¹⁸ Adam Smith, influenciado por autores franceses, holandeses e escoceses, observou que a abundância de bens úteis não podia ser gerada pelo trabalho isolado de um agricultor ou artesão. A riqueza dependia de uma rede de especialistas, cada um dos quais aprendia a fazer qualquer coisa o mais eficientemente possível, que partilhava e combinava os frutos do seu talento, perícia e trabalho. Num famoso exemplo, Adam Smith calculou que um fabricante de alfinetes a trabalhar sozinho apenas poderia produzir, no máximo, um alfinete por dia.

Já numa oficina, onde «um homem estica o arame, outro homem endireita-o, um terceiro homem corta-o, um quarto afia-o na extremidade e um quinto aguça a ponta para lhe colocar a cabeça», cada trabalhador poderia fazer quase cinco mil.

A especialização apenas funciona num mercado que permita aos especialistas trocarem os seus bens e serviços, e Adam Smith explicou que a atividade económica era uma forma de cooperação mutuamente benéfica (um jogo de soma positiva, na gíria atual): cada um recebe de volta algo que é mais valioso para si do que aquilo que entrega. Mediante esta troca voluntária, as pessoas beneficiam os outros beneficiando-se a si mesmas. Tal como Smith escreveu, «não é da benevolência do talhante, do cervejeiro ou do padeiro que devemos esperar o nosso jantar, mas sim porque eles zelam pelos seus próprios interesses. Nós não apelamos à sua humanidade, mas ao seu amor-próprio». Adam Smith não queria com isto dizer que as pessoas são impiedosamente egoístas ou que deveriam sê-lo — ele foi um dos mais sagazes analistas da compaixão humana. Este economista inglês apenas afirmou que, num mercado, qualquer tendência dos indivíduos para cuidarem de si próprios e das suas famílias pode funcionar para o bem de todos.

A livre troca pode tornar uma sociedade inteira não somente mais rica, mas mais benevolente, já que num mercado eficaz é mais barato comprar bens do que roubá-los, e as outras pessoas tornam-se para nós mais valiosas vivas do que mortas. (Como o economista Ludwig von Mises afirmou séculos mais tarde, «se o alfaiate entra em guerra com o padeiro, a partir daí terá de fazer o seu próprio pão».) Vários filósofos iluministas, incluindo Montesquieu, Kant, Voltaire, Diderot e Abbé de Saint-Pierre, defenderam o ideal do *doux commerce*.¹⁹ Os pais fundadores da América — George Washington, James Madison e, especialmente, Alexander Hamilton — conceberam as instituições da sua jovem nação de modo a estimularem aquela forma de comércio.

Isto conduz-nos a outro ideal do Iluminismo, a paz. A guerra era tão comum na história da humanidade que era natural entendê-la como uma dimensão permanente da condição humana e pensar que a paz apenas seria possível numa era messiânica. Com o advento iluminista, porém, a guerra já não era pensada como um castigo divino que tinha de ser suportado e sofrido ou uma gloriosa competição a ser conquistada e celebrada, mas sim como um problema prático que tinha de ser mitigado e um dia resolvido. Na sua obra *A Paz Perpétua*, Immanuel Kant apresentou medidas que desencorajavam os líderes a arrastarem os seus países para a guerra.²⁰ Juntamente com o comércio internacional, Kant recomendou a formação de repúblicas representativas (o que nós designaríamos por democracias), a transparência mútua, normas contra a conquista e a ingerência externa, a liberdade de viajar e imigrar, e uma federação de estados que intermediaria as disputas que ocorressem entre eles.

Não obstante a clarividência dos pais fundadores, teóricos e filósofos, este não é um livro para idolatrar o Iluminismo. Os pensadores do Iluminismo eram homens e mulheres do seu tempo, o século XVIII. Alguns eram racistas, sexistas, antissemitas, escravagistas ou duelistas. Algumas das questões que os preocuparam são quase incompreensíveis para nós, e defenderam muitas ideias absurdas no meio de outras brilhantes. Mais concretamente, eles nasceram demasiado cedo para apreciarem algumas das pedras angulares da nossa compreensão moderna sobre a realidade.

Os filósofos iluministas teriam sido os primeiros a reconhecer este facto. Se excluirmos a razão, o que importa é a integridade dos pensamentos e não a personalidade dos pensadores. Além disso, se defendemos o progresso, não podemos realmente afirmar que sabemos tudo. Em nada diminui os pensadores do Iluminismo identificar algumas ideias fundamentais sobre a condição humana e a natureza do progresso que eles desconheciam e nós conhecemos. Essas ideias, na minha opinião, são a entropia, a evolução e a informação.